

A AMAZÔNIA É A FARMÁCIA DO MUNDO: POTENCIALIDADE DOS BONEGÓCIOS

ST 4: Estado, políticas públicas e desenvolvimento regional

RESUMO

O atual modelo de desenvolvimento amazense não faz uso em seus processos produtivos dos produtos da biodiversidade amazônica. Apesar da riqueza gerada pelo PIM, a região necessita de um caminho alternativo ao modelo exportador que venha explorar as potencialidades regionais, melhorar os indicadores de vulnerabilidade socioeconômica e reduzir a exploração ilegal dos recursos naturais. Objetivamos discutir a exploração dos bonegócios no cenário amazônico com foco no desenvolvimento regional. Temos uma pesquisa qualitativa, exploratória, descritiva, com uso de material secundário bibliográfico e documental e análise de conteúdo. Apesar das pesquisas e da inovação, barreiras como: necessidade de ampliação do volume de investimento, melhoria da capacitação populacional local, segurança no ambiente de inovação e da propriedade intelectual, melhor articulação entre os atores e a ausência de um ambiente econômico estruturado atrasam o avanço da atividade econômica endógena na região

ASPECTOS METODOLÓGICOS

O percurso metodológico usado para atingir discutir a exploração dos bonegócios no cenário amazônico com foco no desenvolvimento regional, foi embasado no método qualitativo, com finalidade exploratória e descritiva, por meio de pesquisa bibliográfica e documental fazendo uso de observações e análise de conteúdo com base em observações dos fatos e entendimento dos conceitos e definições.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Bonegócios: Conceito e definição

Para Sousa e Figueiredo (2016), com base no conceito de bioeconomia e sua amplitude, faz-se necessário construir um conceito ou definição mais abrangente para se adequar ao universo de



negócios que usam os insumos da biodiversidade amazônica, de modo que englobe também os produtos/ serviços nas suas formas mais rústicas ou concebidos a partir de técnicas mais tradicionais. Trata-se dos bionegócios, objeto da nossa discussão.

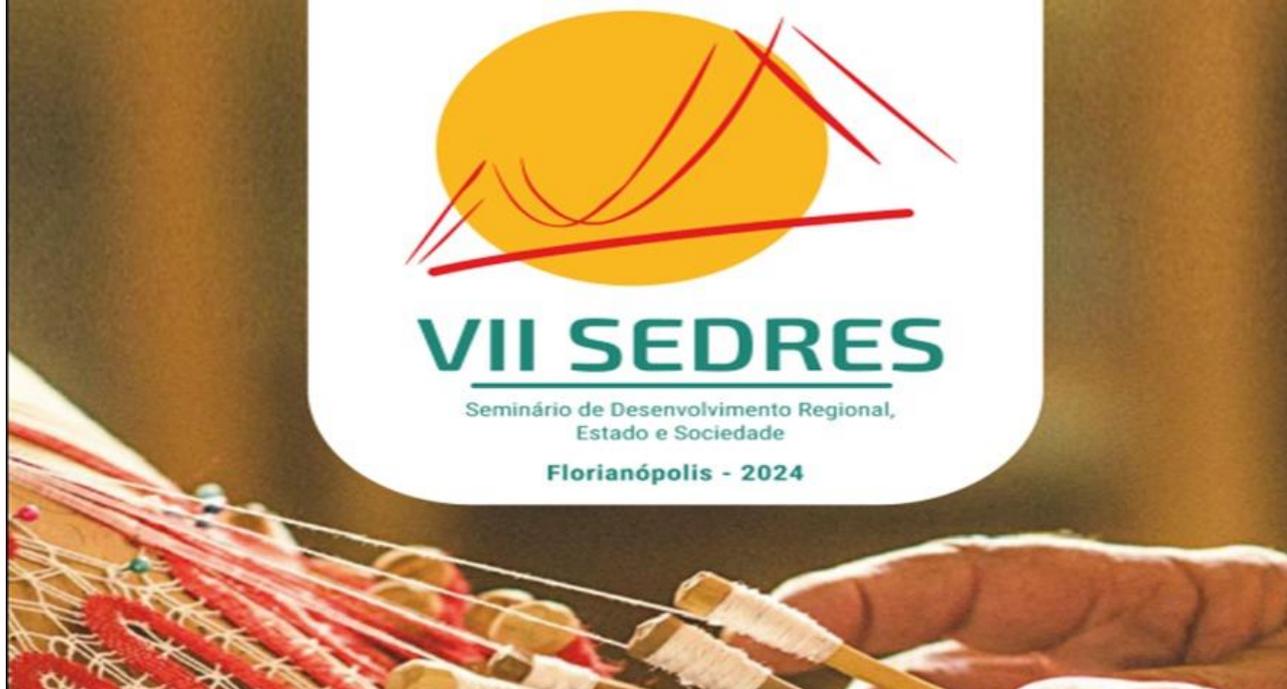
Ainda para os autores (2016), levando-se em consideração a realidade Amazônica, se todas as atividades econômicas locais que fizessem uso de recursos oriundos da biodiversidade amazônica fossem enquadradas dentro do usual conceito de bionegócios – sempre diretamente ligado aos avanços da biotecnologia moderna – pouquíssimas empresas seriam encontradas, tornando o estudo no mínimo insuficiente para atender a realidade local.

Para Figueiredo (2023), o termo “bionegócios” refere-se a um tipo de negócio com características específicas, cujo produto ou insumo foi gerado a partir de recursos naturais da biodiversidade sendo um diferencial de comercialização, pois agrega valor ao produto ou ao processo e estimula a bioeconomia local.

É importante conhecer e refletir sobre o potencial impacto na economia local da obtenção e a comercialização de produtos da biodiversidade de uma determinada região ou bioma. Neste sentido, a participação de equipes multidisciplinares e centros especializados para tratar deste assunto reforçam uma exploração consciente, que traz resultados para a bioeconomia local, mas avalia o impacto sobre a biodiversidade de forma a garantir a sua preservação (2023).

De acordo com Juma e Conde (2001), bionegócios são definidos como atividades econômicas voltadas à extração/ beneficiamento e comercialização de insumos ou produtos que apresentem em sua composição recursos ou insumos da biodiversidade de uma forma natural “bruta” ou tecnologicamente modificada (biotecnologia).

Já para Araújo Filho (2010), bionegócios são atividades com “fins econômicos”, desenvolvidas por empresas, que tenham como principal característica o uso intensivo – e, portanto, significativa dependência – de insumos da biodiversidade. Dentro desse contexto, o autor propõe um quadro para



a caracterização dos diferentes tipos com base no grau de complexidade e tecnologia usado no processamento dos produtos.

Riqueza da biodiversidade amazônica x modelo ZFM

Para Becker (2007), a região amazônica é o mais rico e heterogêneo ecossistema existente no mundo sendo dotada de imensos recursos naturais. Abriga cerca de 20% da água doce, 1/3 das florestas tropicais, reservas infinitas de recursos minerais e a maior concentração territorial de biodiversidade do planeta.

Essa riqueza natural, todavia, não se faz presente quando a análise se dá sob a dimensão econômica regional nem nacional e no que tange ao mercado de produtos com foco na biodiversidade pouco se utiliza das riquezas amazônicas.

Sousa (2014, p. 12), ressalta que o PIM não tem como característica lançar produtos desenvolvidos localmente, mas sim desenvolvidos pela empresa matriz ou coligadas das empresas em outros centros, ou seja, utiliza tecnologia exógena.

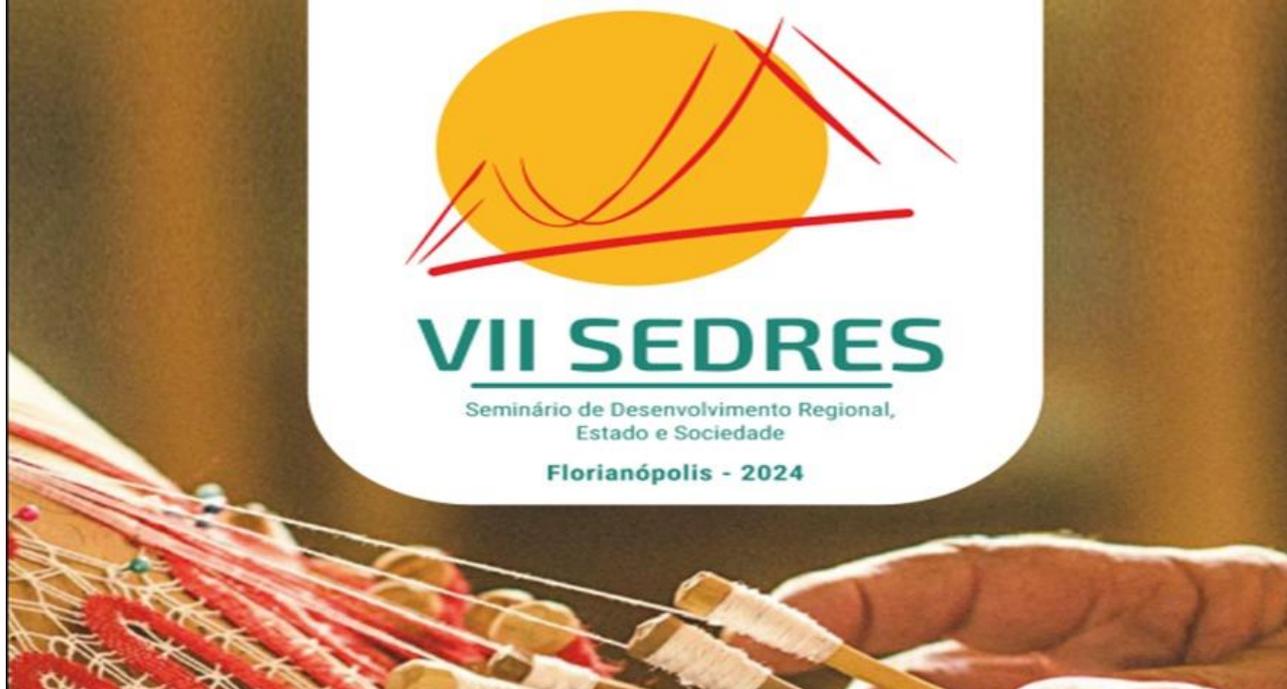
Escola de Negócios da Floresta e Novo CBA

Temos a primeira escola de Negócios da Floresta Amazônica no Brasil (Rainforest Social Business School – RSBS/ UEA), gerida por uma Organização Social e com participação da UEA.

Para reforçar o cenário, destacamos também a existência do novo Centro de Bionegócios da Amazônia – CBA que já contribui a mais de 20 anos com pesquisas e agora pode receber recursos públicos e investimento privado além de captar investimentos privados para pesquisas, desenvolvimento e inovação. Acerca dos recursos públicos estão previstos para os próximos quatro anos o montante de R\$ 47,6 milhões.

Salientamos também que a variável inovação constitui parâmetro relevante neste cenário e deve seguir recebendo investimento público e privado num processo colaborativo de forma a garantir a vanguarda tecnológica e a competitividade, com foco nas bioindústrias.

RELAÇÃO COM A SESSÃO TEMÁTICA



A discussão versa sobre a necessidade de maior atuação do Estado através do fomento de uma Política Pública assertiva com foco no uso sustentável das riquezas da biodiversidade amazônica para a geração de emprego e renda sustentáveis aos amazônidas com o aproveitamento das potencialidades nos processos industriais do PIM fazendo uma ponte entre o setor produtivo industrial, a biodiversidade para fomentar a exploração sustentável dos bionegócios.

REFÊRENCIAS

ARAÚJO FILHO, G. Iniciativas em bionegócios e o programa pappe-subvenção no estado do Amazonas. Revista T&C Amazônia, Ano VIII, n. 19, 2010. Disponível em: [Revista T&C Amazônia - Edição 19 by Revista T&C - Issuu](#). Acesso em: 10 jan 2024.

BECKER, B. K. Proposta de política de ciência e tecnologia para a Amazônia. Parcerias Estratégicas, v.19, p.47-55, 2007. Disponível em: http://seer.cgee.org.br/index.php/parcerias_estrategicas/article/view/246. Acesso em: 18 jul 2023.

JUMA, C., KONDE, V. A Nova Bioeconomia: Biotecnologia Industrial e Ambiental nos Países em Desenvolvimento. The New Bioeconomy – Industrial and Enviroment Biotechnology in Developing Countries. Genebra, United Nations Conference on Trade and Development (UNCTAD), 2001.

MDIC. Decreto altera centro que trata de bionegócios na Amazônia. 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/geral/audio/2023-05/decreto-altera-centro-que-trata-de-bionegocios-na-amazonia>. Acesso em: 02 de fev 2024.

SOUSA, K. A. A dinâmica da inovação em bionegócios no estado do Amazonas. In: XXIV seminário nacional de parques tecnológicos e incubadoras de empresa. Belém. 2014. 25p.

SOUSA, K., FIGUEIREDO, G. Bionegócios e desenvolvimento alternativo no estado do Amazonas (Brasil). *Revista De História Da UEG*, 4(2), 139-159. (2016). Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/revistahistoria/article/view/4234>. Acesso em: 10 jan 2024.

UEA. Rainforest Social Business School – RSBS/ UEA. 2020. Disponível em: <https://rsbusinessschool.wixsite.com/rainforestsbs>. Acesso em: 11 fev 2024.